

DESAFIOS À INCLUSÃO DE UMA PESSOA COM DEFICIÊNCIA FÍSICA EM CADEIRA DE RODAS NO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

Palavras-Chave: Pessoas com deficiência, Ensino Superior, Ensino de Enfermagem

Autores(as):

Débora Ramalho Santos, FENF – UNICAMP

Prof^(a). Dr^(a). Dalvani Marques (orientadora), FENF - UNICAMP

INTRODUÇÃO

A Lei N° 13.146/2015 conhecida como Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência ou Estatuto da Pessoa com Deficiência, dispõe que pessoa com deficiência é “aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas”⁽¹⁾. No estado de São Paulo, estimou-se que, em 2021, haviam cerca de 3.401.406 pessoas com algum tipo de deficiência, sendo a maioria pessoas com deficiência visual, representando 40%, seguido de deficiência motora com 28,79%, mental/intelectual 16,72% e auditiva 14,49%⁽²⁾.

Ao longo da história as pessoas com deficiência foram vistas como inválidas, degeneradas, monstros e anormais. O conceito de anormal é visto até os dias de hoje, a partir da narrativa biomédica, onde um corpo que foge à normalidade é diagnosticado como deficiente ou patológico, sendo assim não é visto apenas como algo diferente, mas como algo que precisa ser corrigido⁽³⁾.

Deste conceito tem-se que os esforços eram mais voltados ao cuidado e conserto desses corpos diferentes, do que a efetiva inserção ou reinserção dessas pessoas ao meio social. A autonomia da pessoa com deficiência deve ser reconhecida em sua amplitude, e respeitados, entre tantos direitos, o direito à educação e ao trabalho. Direitos estes respaldados pela Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência de 2015⁽¹⁾.

Diferente do Brasil em que a entrada de um estudante com deficiência em uma graduação de enfermagem seja algo diferente nas instituições de ensino superior e até inédito, nos EUA o número de estudantes com deficiência que iniciavam o ensino no curso de enfermagem já se mostrava em crescimento á cerca de 25 anos atrás mesmo diante da discriminação existente. Essa discriminação muita das vezes se dá por crenças errôneas de que estudantes de enfermagem com deficiência não apresentam capacidade de atingir os requisitos da profissão de enfermagem e de prestar um cuidado seguro ao paciente⁽⁴⁾. “Existem algumas pessoas com deficiência que não são qualificadas para serem enfermeiras, independentemente de suas deficiências, assim como há pessoas sem deficiência que não são qualificadas para serem enfermeiras”⁽⁴⁾.

Outros estudos também trazem que estudantes com deficiência são minoria no ensino e prática de enfermagem não apenas por se depararem com barreiras físicas, mas também por conta das barreiras atitudinais, pois o trabalho do enfermeiro é visto como um desafio tanto mental quanto físico, sendo assim,

pensam que as pessoas com deficiência não são capazes de se tornarem bons enfermeiros^(5,6). Uma pesquisa Israelense demonstrou que estudantes de enfermagem apresentavam atitudes negativas aos colegas com deficiência e que os profissionais de saúde, em especial os enfermeiros, apresentavam preconceito em relação à capacidade de pessoas com deficiência se tornarem enfermeiros⁽⁵⁾. Estudantes com deficiência relataram que mais difícil que lidar com a própria deficiência são as reações das pessoas a eles⁽⁶⁾.

A inclusão de pessoas com deficiência na enfermagem pode melhorar as atitudes dos profissionais em relação às deficiências e trazer diversidade à profissão e ao ensino de enfermagem⁽⁴⁾. E tanto expandir a diversidade bem como promover a inclusão são metas que a comunidade de enfermagem deve se esforçar em alcançar⁽⁵⁾. Pode-se mudar a visão da deficiência como uma característica negativa para uma positiva, promovendo um aumento da visibilidade de enfermeiros e estudantes com deficiência, como profissionais da área de saúde⁽⁷⁾.

Assim, as questões norteadoras deste estudo foram: Quais os desafios à entrada de uma aluna com deficiência física nas perspectivas dos colegas sem deficiência, dos docentes e funcionários do curso de enfermagem? Será que é possível uma acadêmica de enfermagem com deficiência se tornar enfermeira? Como trabalhar e o que é necessário para que isso ocorra?

O objetivo do estudo foi compreender os desafios na realidade enfrentada por uma acadêmica de enfermagem com deficiência física durante a graduação em uma universidade pública, identificando barreiras e estratégias para inclusão.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo descritiva, sobre a inclusão de uma pessoa com deficiência física no curso de graduação de enfermagem da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, utilizou-se para a coleta de dados: entrevistas semi-estruturadas com docentes e funcionários e grupo focal com colegas de curso da estudante. As pesquisas qualitativas consideram a subjetividade “como parte integrante da singularidade do fenômeno social”⁽⁸⁾.

A coleta de dados foi iniciada com entrevistas com docentes e funcionários da Faculdade de Enfermagem da Unicamp. Foram mapeados docentes de disciplinas dos cinco anos, preferencialmente, com carga horária prática ou de laboratório. Um docente por disciplina, foi contactado através de email. As entrevistas ocorreram de forma online via plataformas digitais, por Google meet. Um roteiro foi utilizado, com base nas questões disparadoras: Você já teve experiência com aluno com deficiência física ou outras deficiências em curso de graduação em enfermagem? Na sua percepção, quais foram os desafios para a entrada de uma aluna com deficiência física no curso de graduação em enfermagem? Quais as barreiras percebidas para a inclusão da aluna no curso/disciplinas que participa? Quais as estratégias realizadas para superar os desafios?

O grupo focal foi realizado com 15 discentes de enfermagem da mesma turma da estudante com deficiência, com duração de uma hora. A coleta de dados do grupo focal foi feita com o auxílio de dois pesquisadores, um atuou como moderador e o outro foi assistente. Nos grupos focais, foram utilizadas as questões disparadoras: Vocês já tiveram experiência com pessoas com deficiência física ou outras deficiências antes de entrar no curso de graduação em enfermagem? Quais foram os desafios percebidos por vocês que a aluna com deficiência física vivenciou no curso de graduação de enfermagem? Quais as barreiras percebidas para a inclusão da aluna no curso/disciplinas que vocês participaram? Quais as estratégias realizadas para superar os desafios? O grupo focal ocorreu na própria instituição, em dia e horário previamente agendado.

As entrevistas e o grupo focal foram gravados em áudio, armazenadas no computador da pesquisadora responsável, e após, transcritas. Os dados foram analisados através da Análise Temática⁽⁸⁾, com base nas categorias de Acesso e Acessibilidade.

RESULTADOS

Do grupo focal, participaram 15 discentes graduandos de enfermagem que tiveram contato com a estudante com deficiência e, das entrevistas, cinco docentes e três funcionários da Faculdade de Enfermagem. Além de duas discentes de enfermagem bolsistas, que auxiliaram a estudante no campo de prática.

Após análise temática, foram definidas três categorias: Desafios e barreiras, Estratégias e Aprendizados a partir do convívio com a discente com deficiência física.

Desafios e barreiras

Os discentes participantes do grupo focal trouxeram que se sentiam incomodados com algumas atitudes capacitistas por parte de alguns docentes e funcionários no hospital onde ocorriam as práticas. Expuseram ainda a falta de preparo de alguns docentes para lidar com a discente, sendo confirmada pela própria fala de alguns docentes e funcionários, que alegaram não se sentirem preparados. Além desse desafio, os docentes e funcionários apontaram também: o estigma que se tem sobre pessoas com deficiência, o próprio currículo do curso, que foi pensado para pessoas sem deficiência, e as dúvidas em relação a como conseguir adaptar procedimentos para que a discente os executasse. Tanto docentes quanto discentes trazem a falta de acessibilidade principalmente em outros institutos fora da faculdade de enfermagem e nas áreas comuns da universidade por conta de barreiras arquitetônicas e os discentes apontam ainda o quanto isso impactou a vida acadêmica e social da colega.

[...] “As coisas pequenas do dia a dia que você vê que vai, vai atrapalhando de certa forma o andamento da vida acadêmica dela, da socialização dela. Foram coisas mais assim, que a gente vai, é, percebendo. Eu que faço mais parte do grupo dela, que tenho mais contato”. A10

[...] “É algo que foi roubado dela, de ter todas as experiências que a gente tem, entendeu? A gente podia fazer tudo, de zanzar pelo, pelo campus inteiro”. A6

“O maior desafio eu acho que foi a questão mais do estigma mesmo, sabe? Porque tá, tá vindo uma estudante com deficiência física e ela é cadeirante. Aí automaticamente a gente já começa a pensar, mas como, como que ela vai conseguir fazer as coisas? [...] Como que ela vai fazer as práticas? Como que ela vai treinar as habilidades de uma profissão que é mais da metade prática, né? Se não tem nada preparado para ela.” E2

Estratégias

As estratégias utilizadas para minimizar as dificuldades e barreiras para a discente, foram identificadas pelos discentes, docentes e funcionários em sua maioria, a partir das mudanças estruturais que foram ocorrendo no prédio da faculdade ao longo dos cinco anos de curso e também o oferecimento de uma bolsa para um aluno a frente no curso que auxiliasse a discente em campos de prática. Os docentes e funcionários indicaram ainda o auxílio de uma terapeuta ocupacional à discente em um momento de aprendizado mais intenso de atividades com procedimentos manuais no início do curso e a comunicação efetiva entre discente e docentes. Foi sugerido por alguns entrevistados a importância do oferecimento de um curso para a capacitação sobre o tema para docentes e funcionários da instituição.

“O que deu para perceber, mais de movimentação foi da própria faculdade em si, né? [...] Então assim, aí mudaram a estrutura da faculdade, né? Já foi um começo, é, e acho que a procura, né, dos professores, né, de procurar pessoas para dar o suporte que ela precisava durante a prática, né?” A1

[...] “Então, quando a gente, eh, vai sugerir alguma coisa e inclui ela nessa resolução de problema, algumas coisas ela já fala: “Olha, isso pode ser assim”. Então, porque ela já tem algumas algumas percepções, né? Então, ela nos ensina também a fazer a inclusão.” [...] E8

Aprendizados a partir do convívio com a discente

Os discentes reconheceram que o convívio com a colega, não só mudou o olhar deles sobre as deficiências, mas também impactou alguns profissionais que ela teve contato durante as práticas. Trouxeram que conseguem identificar melhor hoje possíveis barreiras arquitetônicas e atitudinais, bem como dificuldades, particularidades e capacidades da colega. Os docentes e funcionários apontam uma mudança na cultura da faculdade, com mudança de pensamentos e comportamentos, hoje mais inclusivos. Foi exposto também que a partir dessa primeira experiência com uma discente com deficiência física, os outros estudantes que vierem, mesmo que com outros tipos de deficiência, a faculdade já terá um ponto de partida, sabem onde buscar auxílio institucional e como melhorar atender a este aluno.

“Então, eu acho que uma coisa que nesses anos eu aprendi, foi olhar pra deficiência que ela tem, reconhecer as dificuldades que ela tem e não colocar ela numa, numa posição de resumir ela a isso, sabe?” A7

“Eu acho que a superação foi, eu acho que ela mostrou pra gente, nós fomos, eh, não foi ela que teve a superação, foi nós, nós enquanto faculdade. Porque eu acho que assim, foi por conta dela, né? Ela foi a pioneira aqui, foi por conta dela que hoje nós estamos com um olhar diferente para a inclusão de, né, de deficientes, né? [...] Eu acho que ela ensinou a gente, ela veio para ensinar a enfermagem que, que é possível ter a inclusão e que a gente vai se adaptar. E a gente se adaptou e isso foi muito gostoso. Então, então é uma coisa que ela ensinou pra gente que é possível, porque todo mundo achou que ela ia desistir no meio do caminho.” [...] E5

DISCUSSÃO

O acesso pleno ao ensino superior ocorre a partir de uma articulação entre ingresso, permanência e formação qualificada, porém as políticas públicas tendem a adotar aspectos isolados de acesso⁽⁹⁾. No caso de discentes com deficiência que adentram ao ensino superior, se pensam principalmente em sua garantia de ingresso, que realmente são de extrema importância, no entanto, planejamentos e ações que garantam sua permanência e uma formação qualificada são deixadas em segundo plano. Como evidenciado neste estudo, infelizmente só após a chegada da discente com deficiência na instituição de ensino é que começaram a ocorrer algumas mudanças estruturais dentro da faculdade, com propósito de minimizar as dificuldades e barreiras possibilitando sua permanência e consequente formação profissional. O que não foi visto, porém dentro de outros institutos da própria universidade, bem como em suas áreas comuns de convivência estudantil, impactando assim, em sua vivência universitária.

Os desafios de um discente com deficiência que escolhe adentrar em um curso da área da saúde, como a enfermagem, assim como os demais discentes com deficiência de outros cursos, estão de maneira predominante relacionados às barreiras que lhe são impostas, sendo a principal a barreira arquitetônica. O presente estudo corrobora que esta seja uma das maiores barreiras, mas também destaca um olhar para a barreira atitudinal. Assim, como demonstrado por outros estudos internacionais realizados com discentes de enfermagem com deficiência, é difícil aos docentes e aos demais profissionais entenderem como um aluno com deficiência pode desempenhar bem o trabalho, mesmo que de forma diferente⁽⁴⁾.

As estratégias realizadas pelos docentes e funcionários em conjunto com a própria discente, seja pela reforma estrutural do prédio da faculdade de enfermagem para garantir uma melhor acessibilidade, quanto do oferecimento de uma bolsa para um aluno a frente no curso que auxiliasse a discente em campos de prática, a

participação de uma outra profissional, no caso uma terapeuta ocupacional, que auxiliou em um momento do curso em que havia mais atividades laborais, e a própria comunicação efetiva entre a discente e os docentes, se mostraram resolutivos e permitiram a discente uma formação profissional satisfatória.

Os aprendizados adquiridos pela instituição de ensino e pelos discentes que tiveram convívio com a discente com deficiência, conseguiu positivamente levar a uma mudança da cultura de pensamento, de dúvidas que iam de como uma discente com deficiência física em uso de cadeira de rodas poderia se tornar uma enfermeira, à uma certeza de que sim isso é possível se utilizado estratégias que sejam efetivas. São aprendizados que vão além do campo da enfermagem, levam a um olhar mais amplo, social, sobre as pessoas com deficiência, limitando menos e olhando mais para as potencialidades desses indivíduos.

CONCLUSÕES

O presente estudo verificou que ainda hoje pessoas com deficiência, como a discente em foco, se deparam com desafios e barreiras dentro do ensino superior, seja no curso de escolha ou no próprio ambiente universitário. Ainda, infelizmente, não identificamos uma inclusão plena, e sim, na verdade, uma inserção, porém foi evidente que se utilizadas estratégias eficientes, é possível minimizar esses desafios e barreiras, para que o aluno obtenha êxito em sua formação, além de que o convívio com pessoa,s com deficiência, ampliam o olhar e levam a aprendizados a toda a comunidade. Espera-se que mais estudos sejam feitos sobre o tema, contribuindo assim, para que se tenha um olhar mais atento às questões enfrentadas por esses indivíduos, buscando primordialmente a inclusão.

BIBLIOGRAFIA

1. Brasil, Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, 2015.
2. Estimativa da População das Pessoas com Deficiência 2021. Base de Dados dos Direitos da Pessoa com Deficiência. [acesso em: 14 abr 2024]. Disponível em: <https://basededadosdeficiencia.sp.gov.br/dadosestimativapopulacional2021.php>.
3. Gaudenzi P, Ortega F. Problematisando o conceito de deficiência a partir das noções de autonomia e normalidade. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 2016 [acesso em: 15 abr 2024]. 21(10). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320152110.16642016>.
4. Carroll SM. Inclusion of people with physical disabilities in nursing education. *J Nurs Educ* [online].2004[acesso em: 25 abr 2024];43(5):207-12.
5. Shpigelman CN, Zlotnick C, Brand R. Attitudes toward nursing students with disabilities: promoting social inclusion. *J Nurs Educ* [online]. 2016 [acesso em: 26 abr 2024];55(8):441-9. DOI: 10.3928/01484834-20160715-04
6. Calloway K, Copeland D. Acute care nurses' attitudes toward nursing students with disabilities: A focused ethnography. *Nurse Education In Practice* [online]. 2021 [acesso em: 26 abr 2024]. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.nepr.2020.102960>
7. Marks B, Sisirak J. Nurses with disabilities: Transforming Healthcare for All. *J of Inssu in Nurs* [online]. 2022 [acesso em: 27 abr 2024]. Disponível em: <https://research.ebsco.com/c/7zh5jk/viewer/html/yf3bboysxj>
8. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 11ª Ed. São Paulo; Hucitec – Abrasco, 2014.
9. Silva MGM, Veloso TCMA. Acesso nas políticas da educação superior: Dimensões e indicadores em questão. *Avaliação*, Campinas, Sorocaba, SP, v. 18, n.3, p. 727-747, nov. 2013. [acesso em: 07 jun 2025]. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-40772013000300011>.